

**ALGUMAS PALAVRAS SOBRE (SOCIO)COGNITIVISMO:  
PARA O ESTUDO TEXTUAL DAS *FAKE NEWS* E DA RELAÇÃO ENTRE  
LINGUAGEM, COGNIÇÃO E SOCIEDADE**

Rafahel Parintins<sup>i</sup>

Intitulado *Estudos textuais e (socio)cognitivistas sobre questões sociais contemporâneas*, o dossiê temático desta edição da **Revista Saridh – Linguagem e Discurso**, é composto por esta Apresentação, um Editorial, por dois artigos científicos e por uma entrevista. O Editorial é de autoria da Dra. Edwiges Morato, professora e pesquisadora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP) e intitula-se *Fake news e cognição social*. A professora, atualmente a maior especialista na área de texto e cognição (social), gentilmente aceitou escrever o Editorial desta edição, partindo dos estudos aqui publicados sobre *fake news*, de modo a abordar a temática do dossiê.

Os dois artigos científicos que compõem este dossiê intitulam-se *A conceptualização de fake news como evidência da cognição social*, de autoria de Rafaely da Cruz, e *A força argumentativa das fake news em rede digital*, de Renata Palumbo e Zilda Aquino. Ambos os textos dedicam-se ao estudo textual sociocognitivista das *fake news* e são apresentados por Morato, no Editorial.

A entrevista deste número foi realizada com a professora Dra. Leonor Werneck dos Santos, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sobre suas pesquisas e atividades acadêmicas no campo da Linguística Textual, da formação de professores e do ensino de Língua Portuguesa. A pesquisadora possui uma trajetória e reflexões altamente interessantes, relevantes e inovadoras nas suas áreas de atuação.

A professora Leonor Werneck dos Santos, em sua entrevista, conta um pouco sobre a trajetória da sua relação com a Linguística Textual e como o Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT) que ela coordena, junto com o professor Dr. Dennis Castanheira, da Universidade Federal Fluminense (UFF), trabalha com uma visão sociocognitivista e interacional do texto, muitas vezes por meio de interfaces teóricas,

## APRESENTAÇÃO

estudando, por exemplo, referenciação (tema sobre o qual comento mais adiante, nesta apresentação), tipologias e gêneros textuais. Da entrevista com a pesquisadora, destaco aqui as contribuições relatadas para o ensino de Língua Portuguesa e para a Linguística Textual. Particularmente em relação a esta área, saliento também o trabalho teórico e analítico que ela e colaboradores vêm realizando no campo do estudo das cadeias referenciais (SEARA; SANTOS, 2019; BARBALHO, 2022; LANES, 2023), tema cuja importância para a teoria da referenciação será aludida mais adiante.

Comento a seguir sobre a relação do tema das *fake news* com os estudos textuais e (socio)cognitivistas e faço uma apresentação mais ampla do campo dos estudos (socio)cognitivistas da linguagem, principalmente os que se dedicam ao estudo do texto, em uma abordagem interacionista (na seção que chamei de “Cognitismo e sociocognitismo”). Depois, faço considerações sobre texto, sociocognitismo e *fake news* (na seção “Texto, sociocognitismo e *fake news*”). Certamente, a apresentação do campo pode não apenas colaborar com a visibilidade dessas perspectivas como também contribuir para a leitura dos textos do dossiê e estimular futuras reflexões e empreendimentos empíricos sobre temas de pesquisa a ele concernentes. Aproveito para salientar que o uso dos parênteses nesta adjetivação, “(socio)cognitivista”, justifica-se, em acordo com a chamada do dossiê, pela ideia de aceitar, para essa temática, tanto trabalhos cognitivistas (não formalistas) quanto sociocognitivistas (sem parênteses), perspectivas sobre as quais comento mais adiante.

### Cognitismo e sociocognitismo

Falar sobre as *fake news*, tema de alta relevância social para os tempos atuais, nos leva, em uma primeira visada, a uma reflexão, a princípio, evidente: a das relações entre linguagem (não apenas o seu papel informativo e comunicativo) e realidade social (como compreendê-la? Como atuar nela?), de modo que os textos aqui publicados, por não deixarem de tangenciar essa reflexão de fundo, interessam fortemente à temática deste pequeno, mas não modesto, “dossiê” sobre estudos textuais e (socio)cognitivistas sobre questões sociais contemporâneas.

Quando se analisam as *fake news*, pode-se explorar interdisciplinarmente questões tributárias da História, da Sociologia, da Antropologia, da Comunicação e, além disso, dos estudos da linguagem e da cognição desenvolvidos, por exemplo, na Filosofia da Linguagem, nas Ciências Cognitivas e na Linguística. Edwiges Morato, no Editorial, aponta, por exemplo, as seguintes questões concernentes ao estudo das *fake news*. Em suas palavras: a questão do “papel da intencionalidade, da moralidade, do compartilhamento de crenças e da confiança epistêmica” e das relações das *fake news* com “os fatores de constituição de uma infraestrutura pragmática da cognição humana (TOMASELLO, 2019)” relativos a/concernentes “a graus variados de reflexividade linguística e social dos participantes das práticas interacionais, à perspectivação conceitual, ao pensamento cooperativo, à coordenação de ação, à consideração de normas e valores socioculturais” (MORATO, 2023, neste volume).

Vale, também, destacar, do Editorial escrito por Morato, questões concernentes ao estudo das *fake news* que, como a própria autora lembra, não são linguísticas *stricto sensu*, mas que interessam aos estudos da linguagem. Essas questões (além de outras) podem servir de norte para a leitura de trabalhos como os de Cruz, Palumbo e Aquino, presentes neste dossiê. Nas palavras de Morato:

- a) “Se as *fake news* não têm compromisso com a verdade (ou com a correspondência entre linguagem e mundo), o que garantiria confiança epistêmica (cf. ORIGGI, 2004) ao campo jornalístico ou aos meios de comunicação de uma forma geral (inclusive, o da comunicação da ciência)?”
- b) “Poderíamos, ainda, somar uma outra pergunta a essa já formulada: de onde se controla o texto que mal informa, ou que informa mal?”

Embora os dois trabalhos publicados neste dossiê estejam mais voltados para a Linguística Textual, a chamada buscou atrair trabalhos de diferentes áreas (Linguística Textual e Linguística Cognitiva, principalmente) que adotassem uma perspectiva (socio)cognitivista da linguagem, o que levaria a assumir pelo menos alguns dos seguintes

## APRESENTAÇÃO

pressupostos teóricos na tematização da relação entre linguagem, cognição e questões sociais:

- a) Uma concepção da cognição humana como constituinte (e não como “máquina de computação”) da linguagem (cognitivismo<sup>1</sup>);
- b) Uma perspectiva de linguagem em uso ou, de maneira mais específica, de que a linguagem só se materializa por meio de textos, entendidos como unidades desse uso (KOCH, 2004);
- c) Uma perspectiva na qual tanto a cognição quanto a linguagem são constituídas por outras experiências e relações sociais (sociocognitivismo) (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004; MORATO, 1996);
- d) Uma perspectiva, associada à última, de que as experiências e relações sociais constituintes da cognição e da linguagem são elas mesmas também constituídas por outros processos sociocognitivos (memória, atenção, percepção etc.) e por ações e práticas de linguagem (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004).

Além da acepção usada acima, o termo “sociocognitivismo” tem sido também usado para designar a perspectiva [a], quer, dizer, de forma mais focal, nomeadamente o que chamamos aqui de cognitivismo, com base em Koch (2004). Esse sentido de “sociocognitivismo” remete aos estudos e fundamentos epistemológicos que a Linguística Cognitiva foi tecendo em sua trajetória, conforme está em Salomão (1999)<sup>2</sup> e na

<sup>1</sup> Refere-se aqui ao cognitivismo experiencialista, não clássico, não objetivista, conforme o texto esclarece adiante.

<sup>2</sup> O texto de Salomão (2003), que, a propósito, homenageia Ingedore Koch, parece apresentar um uso da qualificação “sociocognitivo” mais próximo do da linguista textual. Em 1999, no entanto, a mesma autora, Salomão, a meu ver, tocava de forma menos forte nos aspectos sociais da cognição, ainda que já o prenunciasse (ao mobilizar os trabalhos do sociólogo Erving Goffman, por exemplo) por conta, em parte, da abertura do cognitivismo experiencial, já ali presente, às experiências da sociabilidade e da socialização. A meu ver, o “sócio” aparece ali mais como *locus* do uso situado: “A alternativa que as semânticas construcionistas propõem a esta dicotomia indesejável [entre exclusão *versus* exclusividade do sujeito cognitivo, no estruturalismo, de um lado, e no gerativismo, de outro, respectivamente] é postular a linguagem como operadora da conceptualização *socialmente localizada* através da atuação de um sujeito cognitivo, *em situação comunicativa real*, que produz significados como construções mentais, a serem sancionadas *no fluxo interativo*. Em outras palavras, a hipótese-guia é que o sinal lingüístico (em concomitância com outros sinais) guie o processo de significação diretamente *no contexto de uso*. Pela sua ênfase equilibrada em todas as fontes de conhecimento disponíveis (gramática, esquemas conceptuais, *molduras comunicativas*), esta hipótese denomina-se *sócio-cognitiva*” (SALOMÃO, 1999, p. 64-65, colchetes e grifos meus).

## APRESENTAÇÃO

apresentação de Miranda e Salomão (2009), em coletânea<sup>3</sup>. De modo semelhante, Chishman e Santos (2017) usam o termo nessa última acepção:

Para esse segundo grupo [as abordagens que Chishman e Santos chamam de ‘dimensão sociocognitiva’], o interesse de pesquisa recai sobre o modo como estruturas conceptuais estáveis ou *online* e suas projeções – princípios que embasam o funcionamento da cognição humana (MIRANDA, 1999) – permitem-nos compreender processos de referência [quer dizer, processos por meio dos quais a linguagem refere objetos do mundo, tema do texto das autoras]. São temas centrais para tais estudiosos os processos mentais como categorização, esquematização e projeções entre domínios (SALOMÃO, 2003). (CHISHMAN; SANTOS, 2017, p. 54, chaves minhas).

Como disse, as autoras adotam um uso do termo “sociocognitivo(ísmo)” presente em outros textos, como em Salomão (1999) e Miranda e Salomão (2009). Nos trabalhos referidos por Chishman e Santos na citação acima, que focam nas estruturas conceptuais e suas projeções, o papel das relações sociais (suas formas e dinâmicas) é menos enfatizado, de modo que as estruturas conceptuais ficam menos relacionadas às práticas e contextos sócio-histórico-culturais que as motivam (SALOMÃO, 2003; CHISHMAN; SANTOS, 2017), que as constituem ou que, ao mesmo tempo, são por elas constituídos (MORATO, 2010).

Salomão (2003) aproxima-se da visão aqui adotada (ver nota de rodapé 2 desta apresentação). Ao falar de como as duas abordagens tematizadas por Chishman e Santos (2017) (uma de “dimensão sociocognitiva”, sobre a qual elas comentam na citação acima, e outra de “afiliação interacional e discursiva”<sup>4</sup>) convergem e, ao mesmo tempo, se diferenciam (apenas por ênfase), no caso do tratamento da questão da referência, a autora (SALOMÃO, 2003) destaca:

<sup>3</sup> Silva (2009) também utiliza o termo, mas para se referir mais especificamente a uma Sociolinguística Cognitiva.

<sup>4</sup> O termo “discurso” é aqui geralmente entendido como situação de uso, em seu caráter de evento comunicativo. Morato e Bentes (2017) e Bentes e Morato (2021), no entanto, adotam uma concepção um pouco diferente: “Em consonância com uma perspectiva de base sociocognitiva, assumiremos ao longo deste ensaio a concepção de discurso resumida na formulação de Garay, Íñiguez e Martínez (2005, pp. 110-11): ‘[...] um conjunto de práticas linguísticas que mantém e promove certas relações sociais’” (MORATO; BENTES, 2017, p. 14, nota de rodapé 2).

As abordagens discursivas [entendidas aqui nesta Apresentação como tendencialmente sociocognitivistas<sup>5</sup>] e cognitivas [chamadas, elas sim, por Chishman e Santos de sociocognitivas] da referência *convergem no reconhecimento da cena comunicativa como condição fundadora dos processos interpretativos*: a divergência teórica entre elas se produz por uma *diferenciação de ênfase* nas respectivas agendas de pesquisa. Enquanto os estudos discursivos mais se guiam pelos aspectos sociais da gênese do sentido (a microfísica da interação, os gêneros textuais, as ordens ideológicas subjacentes), os estudos cognitivos têm preferido focalizar os processos mentais de categorização e esquematização, as projeções entre domínios epistêmicos, as transferências figurativas da estrutura conceptual, o gerenciamento do fluxo discursivo. (SALOMÃO, 2003, p. 77, chaves e grifos meus).

Como se nota, a ênfase proposta pelos estudos cognitivos ou cognitivistas (de vertente experiencialista)<sup>6</sup> constitui uma agenda muito interessante (do ponto de vista teórico-analítico) não alheia ao sociocognitivismo (pelo contrário, a diferença é apenas de ênfase) e geralmente voltada para questões de língua (morfossintaxe, léxico, semântica), ainda que possa observá-las em contextos discursivos<sup>7</sup>. No entanto, uma abordagem sociocognitivista é aquela que adota fortemente o princípio de que “a cognição é um fenômeno situado e social” (KOCH; CUNHA LIMA, 2004, p. 277), não deixando de ser constituída pelas citadas estruturas que o cognitivismo investiga (por vezes, no entanto, em uma visada mais dinâmica). Em uma perspectiva sociogênica, por exemplo, de base vygotskyana, a cognição é entendida como:

<sup>5</sup> No entanto, pode haver diferentes tipos de interacionismo e de perspectivas discursivas no sociocognitivismo. A propósito dos interacionismos na Linguística, remeto à discussão empreendida por Morato (2004). Uma perspectiva sociocognitivista como a de Tomasello (1999) prevê, mas explora pouco o caráter discursivo (em termos de evento comunicativo, local) da cognição humana, uma vez que esse pesquisador foca na relação entre cultura, filogênese e ontogênese dessa cognição. No entanto, não deixa de ter uma perspectiva interacionista, em diferentes sentidos, inclusive no sentido vygotskiano. O sociocognitivismo de van Dijk (2012 [2008], por exemplo) e o sociocognitivismo interacionista (KOCH, 2004), por sua vez, têm como um de seus princípios analíticos a exploração do papel da cognição na produção e na compreensão do texto/discurso.

<sup>6</sup> O rótulo de cognitivismo também pode ser aplicado a ênfases teóricas aqui não tematizadas, mas epistemologicamente relacionadas, como o conexionismo e o enacionismo – conferir, por exemplo, o que dizem Koch (2004), Koch e Cunha-Lima (2004) e França e Albano (2004) sobre elas.

<sup>7</sup> Vale destacar que “uma análise que se limite ao nível textual e discursivo, mesmo que revele toda a riqueza da argumentação textualmente desenvolvida, dos processos de referenciação e da construção do objeto de discurso, irá deixar de buscar as instâncias cognitivas mais estáveis, como as metáforas conceptuais, modelos cognitivos idealizados (MCIs- LAKOFF, 1987) ou *frames*, que subjazem ao que parece, em um primeiro olhar não informado, totalmente inédito” (MOURA, VEREZA E ESPÍNDOLA, 2013, p. 191)

um conjunto de processos por meio dos quais somos capazes de organizar o mundo em termos simbólicos e nele atuar de forma semioticamente variada, adquirindo, armazenando, construindo e modificando conhecimentos em meio a práticas sociais situadas e compartilhadas no decurso de nossas mais variadas *inter-ações*. Essa concepção ressalta a natureza sociocultural de nossa vida mental. (MORATO, 2017, p. 400, grifos do original).

Ainda assim, é possível que mesmo os estudos sociocognitivistas (muitos dedicados ao estudo do texto/discurso – ver nota de rodapé 5) poderiam aprofundar, quando os objetivos da pesquisa assim exigirem, a compreensão das relações entre linguagem, texto, cognição, formas de organização social (LIMA, 2014) e processos sócio-histórico-culturais (MORATO, 2001; PARINTINS, 2021), com a colaboração indispensável de teorias sociais (MARCUSCHI, 2007). Um aprofundamento maior desse tipo de investigação depende de empreendimentos interdisciplinares (MORATO, 2001), da colaboração com pesquisadores de outras áreas, se o interesse for incluir a observação sistemática de “estruturas” e práticas sociais eminentemente “extratextuais”<sup>8</sup>.

Em uma perspectiva sociocognitivista, a linguagem não se restringe a um domínio cognitivo independente de outros, que calcularia combinações regradadas de símbolos de forma a representar entidades e estados de coisas (como no gerativismo). Não sendo necessariamente simbólica (KOCH, CUNHA-LIMA, 2004, p. 271), a linguagem consiste em um conjunto de ações, práticas e/ou estratégias que dependem de processos sociocognitivos “internos” e “externos” (gramaticais, semânticos, mnésicos, atencionais, sensorio-perceptuais, conceptuais, culturais, sociais etc.) para a construção do sentido por meio de textos, de modo a perspectivar, categorizar e/ou enquadrar cenas interativas da vida em sociedade e outros tipos de experiências mundanas. Os trabalhos de Koch e Cunha-Lima (2004) e de Salomão (1999) são fundamentais para a compreensão dessa perspectiva sociocognitivista.

<sup>8</sup> Não se trata, pois, da “combinação descriteriosa de abordagens distintas a fim de cumprir [artificialmente] com uma agenda interdisciplinar” (CHISHMAN; SANTOS, 2017, p. 68, chaves minhas).

### Texto, sociocognitivismo e *fake news*

As experiências, processos e relações sociais podem alcançar alta relevância sócio-histórica, configurando-se como uma questão social contemporânea. A partir da perspectiva dialética do sociocognitivismo, no entanto, as questões sociais podem ser tomadas também como questões de linguagem e de cognição (social), uma vez que as relações sociais são operadas ou construídas por seres linguísticos e cognoscentes.

É bem o caso das *fake news*. É verdade que elas tocam em questões eminentemente “sociais” (i. e. históricas, políticas, antropológicas, sociológicas), como a questão das práticas de (des)informação nas mídias sociais e das formas de combatê-las. Mas é verdade também que, além desses motivos, as *fake news* despertam interesse científico no(a) linguista de linhagem textual-discursiva e/ou sociocognitivista (como as autoras que publicam neste dossiê), por elas, as *fake news*, também serem objetos linguístico-cognitivos. Os estudos sociocognitivistas das *fake news* podem, assim, salientar seu caráter textual-discursivo e sociopolítico (Bentes e Souza-Santos (2023), por exemplo) e/ou ver nelas, nas *fake news*, uma possibilidade de enfrentar empiricamente, pelo menos como uma de suas questões de fundo, indagações clássicas sobre a linguagem e a cognição humana, a partir de um olhar empírico, social, do texto.

É notável que as *fake news* podem ser vistas como um campo empírico importante cujo estudo pode tocar na velha questão do papel da linguagem perante a realidade – e da realidade perante a linguagem. Essa questão pode ser o pano de fundo filosófico e social de investigações provenientes do estudo do texto e da cognição, com possíveis implicações de caráter sociopolítico. A linguagem, nessa perspectiva, não se refere a um suposto mundo pronto *a priori*, objetivo, “majestoso”, “circunspecto”, “submetido à vista humana”, como diz Carlos Drummond de Andrade, no poema *A máquina do mundo*. A linguagem; quer dizer, os *textos* são construtores de sentidos sobre o mundo, como postulam os saudosos fundadores da Linguística Textual no Brasil, Ingedore Koch e Luiz Antonio Marcuschi. Também por isso, a linguagem (os textos) faz coisas, sendo, desse modo, uma forma de ação na realidade social, não tão somente de descrição, declaração, constatação ou relato dessa

realidade (AUSTIN, 1962) ou ainda de mera expressão, (de)codificação do pensamento (KOCH, 2002).

Koch e Marcuschi, no entanto, ao entenderem que os textos são “*lugar(es) de interação* entre atores sociais e de construção interacional de sentidos” (KOCH, 2004, p. XII, grifo da autora) – quer dizer, não expressam ideias e pensamentos que refletem (no sentido forte do verbo), de forma objetiva, uma realidade pronta – preocupavam-se em não desembocar em um subjetivismo (SALOMÃO, 2003), como o de uma realidade produzida exclusivamente no aqui e agora dos encontros interativos, sem nenhuma mediação, motivação ou ancoragem sociocognitiva (o que seria um tipo de idealismo).

A perspectiva sociocognitivista assumida por Koch (2004) e Marcuschi (2007, 2008) herda influências de estudos das Ciências Cognitivas, a partir dos anos 80 (KOCH, 2004; KOCH, CUNHA-LIMA, 2004). Dentre essas influências, está a de um tipo de realismo. É um realismo experiencialista (LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999), que assume uma realidade “amorfa”, que ganha forma e sentido para o ser humano, que é um ser social, a partir das suas condições de existência: suas formas de perceber, sentir e compreender mediadas pelas características morfofuncionais de seu corpo (e, portanto, também de seu córtex cerebral), pelas suas formas de conceptualizar o mundo e pelas suas condições socioculturais. A experiência humana é, portanto, fundamental, nessa concepção de linguagem e de cognição.

Segundo o realismo experiencialista, que é anti-objetivista, a categorização do mundo estaria baseada, na verdade, em nossas experiências corpóreas. Trata-se da hipótese da “mente corporificada”. O corpo e a cognição seriam, então, importantes mediadores da conceptualização do mundo e da relação entre linguagem e realidade. Essa pode ser considerada uma “ancoragem”<sup>9</sup> corpóreo-experiencial da linguagem e da cognição.

Outra “ancoragem” da cognição, segundo Koch e Cunha-Lima (2004), são as interações sociais. A cognição, assim, não é apenas um conjunto de processos que ocorre no indivíduo. A cognição é também social no sentido de poder ser “computada” em

---

<sup>9</sup> A ideia de “ancoragem” tem sido bastante destacada por Edwiges Morato em suas reflexões, com base em Marcuschi (2007) e em outros autores. “Ancorar” seria como dar estabilidade sociocognitiva às construções de sentido, evitando, assim, ou diminuindo as possibilidades de “deriva simbólica”, como diz Morato, no Editorial, citando Salomão (2003, p. 8). Conferir, por exemplo, Morato *et al.* (2017) sobre o papel de *frames* na organização tópica de conversações entre afásicos e não afásicos.

## APRESENTAÇÃO

coletividades, em meio às interações sociais. Daí a ideia de sociocognitivismo interacionista, abordagem que a Linguística Textual adotou a partir, principalmente, dos trabalhos de Koch (2002; 2004) e Marcuschi (2007; 2008)<sup>10</sup>. A linguagem em uso, nessa perspectiva, materializa-se em textos e esses textos não são apenas compostos por ações linguísticas, mas também por outras ações sociocognitivas convergentes, segundo Beaugrande (1997).

Vale ressaltar o que diz Morato, no Editorial, sobre a relevância da compreensão da natureza dos textos para a compreensão das condições sócio-simbólicas nas quais as *fake news* constroem sentidos e versões do mundo:

É por meio, pois, das unidades as mais correntes de uso da linguagem que conhecemos, isto é, os *textos* (orais, escritos, multimodais), tomadas como ‘formas reificadas de cognição social’ (ANTOS, 1997; KOCH, 2002), que enfrentamos não apenas os riscos da ‘deriva simbólica’ (Salomão, 2003, p. 83), como também as práticas falaciosas que afetam campos sociais como o jornalístico e outros.

Os muitos trabalhos científicos pautados pela natureza textual e cognitiva das *fake news* atuam na direção de desvelar mais e mais os processos que configuram nossa representação do mundo. A insídia, a fraude, a manipulação e o descompromisso com (o conhecimento sobre) a realidade dos fatos, comuns no entendimento das *fake news*, acabam ressaltando a natureza sociocognitiva da comunicação humana e as ações que ocorrem a partir dela. (MORATO, 2023, nesta edição).

Podemos apontar, a partir dos arrazoados tecidos aqui, que há motivações ou mediações para a ontologia da relação entre linguagem, mundo e cognição. Na verdade, segundo Salomão (1999), há um “oceano de motivações” em jogo. No caso das *fake news*, os processos sociopolíticos dos quais elas fazem parte (BENTES; SOUZA-SANTOS, 2023) são também fundamentais para compreender sua natureza textual e sociocognitiva (como bem lembra Morato, no Editorial), bem como os impactos sociais que elas podem provocar e as implicações educativas que seu estudo pode trazer à tona.

Ora, em parte, as *fake news* “causam” impacto social por conta da natureza constitutiva da linguagem em uso, dos textos. Pelo menos desde Mondada e Dubois (1995)

<sup>10</sup> A Linguística Textual apresenta diferentes tendências teóricas fora do Brasil e mesmo em território nacional. O diálogo entre a Linguística Textual estrangeira e a brasileira é constante desde a sua fundação como área da Linguística no Brasil. Uma perspectiva efetivamente sociocognitivista e interacionista nem sempre é adotada.

## APRESENTAÇÃO

e Apothéloz e Reichler-Béchélin (1995), entende-se que os textos constroem sentidos (locais) por construírem objetos-de-discurso (e não objetos do mundo tomados em uma perspectiva objetivista) por meio dos processos de referenciação; quer dizer, segundo essa teorização, os textos não são “espelhos semânticos” de entidades ou estados de coisas externas a eles. Essa tese foi importante, por exemplo, para resolver questões de coesão textual, entendida à época como principal critério objetivo da textualidade. As análises de base formalista (estruturalista, semântico-formal e/ou estritamente gramatical) não davam conta de resolver muitos desses problemas, como no caso das anáforas associativas (conferir Koch (2004), por exemplo).

A “teoria da referenciação” dá conta de problemas de coesão como esses, por aventar, dentre outras coisas, construtos sociocognitivos, como as diferentes formas de enquadres ou *frames*, dentre outros (MORATO *et al.*, 2017; MARCUSCHI, 2007; conferir também a entrevista com Leonor Werneck dos Santos, nesta edição). A teoria também reposiciona a coesão, em parte, como uma questão de articulação textual e, também em parte, como componente (não obrigatório) dos processos referenciais desenvolvidos no texto. Além disso, é possível vislumbrar, a partir dessa teoria, a possibilidade de os processos referenciais participarem, de alguma forma, da construção, da compreensão e da atuação “textual” dos interagentes na realidade social. Desse ponto de vista, as práticas sociais não são apenas “textualmente revestidas, mas também textualmente *investidas*” (MORATO, 2017, p. 419, grifos do original). Esse é o *leitmotiv* investigativo de trabalhos como o de Bentes e Rezende (2017), Xavier (2018) e Parintins Lima (2019), entre outros, que utilizam a noção de cadeia referencial<sup>11</sup>. Tal veio de investigação permite explorar o papel da referenciação como forma de ação social (BENTES; REZENDE, 2017) e do texto como forma de cognição social (ANTOS, 1997; KOCH, 2004).

A teoria da referenciação levanta possibilidades teóricas e questões empíricas até hoje relevantes sobre as relações entre texto, cognição e sociedade, de modo a “ancorar” teórica e empiricamente estudos dessa natureza nos processos construtivos do texto como

<sup>11</sup> Pesquisadores ligados ao Grupo de Pesquisa em Linguística do Texto (GPLINT), coordenado por Leonor Werneck dos Santos (UFRJ) e Dennis Castanheira (UFF) têm apresentado contribuições importantes para a teorização e a análise de cadeias referenciais. Confira a entrevista com Leonor dos Santos nesta edição. A pesquisadora cita, a propósito, os trabalhos de Seara e Santos (2019), Barbalho (2022), Lanes (2023).

## APRESENTAÇÃO

evento interativo – e não apenas como frase ou signo complexo, “expansão temática”, “macroato de fala”, “discurso congelado” ou mero instrumento de comunicação (KOCH, 2004, p. XII). Além das estratégias referenciais e da coesão, esses processos consistem, por exemplo, em outros fatores de textualização: a coerência, a informatividade, a intencionalidade, a intertextualidade, a situacionalidade, a aceitabilidade, a contextualização, a concernência e a relevância, a organização tópica, a progressão temática (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981; KOCH, 2004; MARCUSCHI, 2008). Para uma apresentação e discussão dos fatores de textualidade, remeto o(a) leitor(a) a Koch (2004) e Marcuschi (2008)).

A teorização sobre referenciação e a discussão sobre as estratégias textuais e as funções sociocognitivas que ela desempenha podem ser estudadas em textos fundamentais como, por exemplo, os de Mondada e Dubois (1995), Koch e Marcuschi (1998), Koch (2002; 2004), Marcuschi (2007; 2008) e nas coletâneas de Koch, Morato e Bentes (2005) e de Cavalcante, Rodrigues e Ciulla (2003). A relação do realismo experiencialista (Lakoff, 1987) com os estudos da referenciação pode ser consultada, por exemplo, em Salomão (2003) e Chishman e Santos (2017).

Se as *fake news*, de alguma forma, “causam” impacto social, não em decorrência unicamente de si mesmas, a ideia, também já clássica, de que a linguagem – os textos – exerce influência sobre a realidade social (porque *dizer é fazer* – cf. AUSTIN, 1962), não sendo apenas construtora de sentidos locais (por poder reverberar em outras interações, como observa Agha (2006), por exemplo) pode ser revisitada de modo que compreendamos melhor as condições de diversas ordens que permitem, por exemplo, possíveis enquadramentos ou modelamentos sociocognitivos e discursivos (BENTES; MORATO, 2021) que os textos, inclusive as *fake news*, podem (ajudar a) construir. Nesse contexto teórico e analítico, no campo dos estudos textuais-discursivos e/ou sociocognitivistas, pode-se remeter o(a) leitor(a) aos trabalhos de Bentes e Morato (2021) e de Bentes e Souza-Santos (2023), por exemplo.

As relações sociais e a linguagem, então, podem ser consideradas mediadoras da cognição (social). Tal (hipó)tese não é totalmente nova e ecoa novamente uma visão vygotskiana, fazendo-nos retomar a postulação de que “não há possibilidades integrais de

## APRESENTAÇÃO

pensamento ou domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos” (MORATO, 1996).

Os estudos textuais e sociocognitivos de questões sociais contemporâneas, como as *fake news*, junto com outras questões, como a das relações raciais, dos gêneros, das sexualidades etc., são contextos empíricos em torno dos quais se pode esperar uma trajetória de pesquisas, já iniciada (como testemunham os artigos deste dossiê, além de outros numerosos trabalhos da área), bastante produtiva para as perspectivas textuais e sociocognitivistas aqui apresentadas.

Desejo uma boa leitura!

**Agradecimentos**

Agradeço ao Editor chefe da **Revista Saridh – Linguagem e Discurso**, Antonio Genário Pinheiro dos Santos, meu colega na FELCS-UFRN, por me convidar para organizar o presente dossiê e por ter me dado todo apoio necessário para tal trabalho;

Agradeço às autoras que submeteram seus trabalhos para o dossiê temático, Renata Palumbo, Zilda Aquino e Rafaely da Cruz, sem os quais esta edição não poderia existir; os trabalhos apontam aspectos textuais-discursivos e/ou sociocognitivos importantes para a análise e a teoria sobre as *fake news*;

Agradeço a Leonor Werneck dos Santos, por aceitar o convite para ser entrevistada para esta edição e por respondê-lo de uma forma tão generosa. Foi com muita honra, prazer e entusiasmo que recebi os relatos sobre seu trabalho, na entrevista;

Agradeço a Edwiges Morato, por aceitar o convite para escrever tão brilhantemente o Editorial deste dossiê, levantando, de forma engajada, questões que ela mesma tem perseguido em suas pesquisas;

Agradeço ao meu colega e amigo professor Dr. Erik Miletta Martins (UFRN) por fazer a leitura prévia e sugerir acréscimos à versão anterior desta Apresentação.

## Referências

AGHA, Asif. *Language and social relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

ANTOS, Gerd. Texte als Konstitutionsformen von Wissen Thesen zu einer evolutionstheoretischen Begründung der Textlinguistik. In: ANTOS, G.; TIETZ, H. (Ed.). *Die Zukunft der Textlinguistik*. Traditionen, Transformationen, Trends. Tübingen: Niemeyer, 1997. p. 43-63.

APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. Construction de la référence et strategies de désignation. *TRANEL*, 23 – du syntagme nominal aux objets-de-discours, 1995, p. 227-271.

AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. Harvard College, 1962.

BARBALHO, Cristiane. *Referenciação na construção argumentativa do gênero depoimento oral em audiências com tipificação de feminicídio*. Tese (doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras (Letras Vernáculas), 2022.

BEAUGRANDE, Robert de. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey: Alex, 1997.

BEAUGRANDE; Robert de; DRESSLER, Wolfgang. *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1981.

BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato. Linguística Textual e Sociolinguística. In: SOUZA, Edson; CINTRA, Marcos; PENHABEL, Eduardo. (Orgs.). *Linguística Textual: interfaces e delimitações*. São Paulo: Cortez, 2017.

BENTES, Anna Christina; MORATO, Edwiges. Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento da pandemia de Covid-19. *Calidoscópico*, São Leopoldo, 19(1): 18-31, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.02>

BENTES, Anna Christina; SOUZA-SANTOS, José Elderson de. Fake news como produção textual disruptiva: os abalos nos campos sociais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 65, n. 00, p. 023014, 2023. DOI: 10.20396/cel.v65i00.8673341. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8673341>.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

CHISHMAN, Rove; SANTOS, Aline Nardes dos. O locus da referência na linguística cognitiva: realismo corporificado, projeções conceituais e o desafio da interface discurso-cognição. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 59, n. 1, Campinas, pp. 53-71 - jan./abr. 2017.

FRANÇOZO, Edson; ALBANO, Eleonora. As vicissitudes do cognitivismo: revisitadas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à Linguística*. Volume 3: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antonio. Processos de referenciação na produção discursiva, *DELTA*, v. 14, n. especial, 1998, 169-190. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43402>

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à Linguística*. Volume 3: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LANES, Luiza Guimarães. *Referenciação e argumentação em redações modelo Enem*. Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras (Letras Vernáculas), 2023.

LIMA, Rafahel Jean Parintins. *Perspectivações sociais no Centro de Convivência de Afásicos do IEL-UNICAMP*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Org.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Margarida (Orgs.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2009.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construction des objets de discours et categorization: une approche de processus de référénciation. In: Berrendonner, A. et M.-J. Reichler-Béguelin (eds.), 1995, p. 273-302.

MORATO, Edwiges. *Linguagem e cognição: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo: Plexus, 1996.

MORATO, Edwiges. Linguagem, cultura e cognição: contribuições dos estudos neurolinguísticos. In: Eduardo Fleury MORTIMER; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante (Orgs.), *Linguagem, cultura e cognição: reflexões para o ensino e a sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 63-75.

MORATO, Edwiges. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à Linguística*. Volume 3: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.

MORATO, Edwiges. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF*, v. 41, 2010, p. 93-113.

MORATO, Edwiges. Linguística Textual e Cognição. In: SOUZA, Edson; CINTRA, Marcos; PENHAVEL, Eduardo (Orgs.). *Linguística Textual: interfaces e delimitações*. São Paulo: Cortez, 2017.

MORATO, Edwiges; BENTES, Anna Christina. “O mundo tá chato”: algumas notas sobre a dimensão sociocognitiva do politicamente correto na linguagem. *Revista USP*, São Paulo, n. 115, p. 11-28, out./nov./dez. 2017.

MORATO, Edwiges *et al.* O papel dos frames na organização do tópico discursivo e na coesividade comunicacional na interação entre afásicos e não afásicos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 59, n. 1, p. 91–110, 2017. DOI: 10.20396/cel.v59i1.8648347. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8648347>.

MORATO, Edwiges. Fake news e cognição social. Editorial. *Saridh – Linguagem e Discurso*, v. 5, n. 2, 2023.

MOURA, Heronides; VEREZA, Solange; ESPÍNDOLA, Lucienne. Metáfora e contexto: entre o estável e o instável. *Interdisciplinar: Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII*, v.17, 2013, jan./jun.

PARINTINS, Rafahel. Aspectos sociocognitivos de representações racistas na linguagem metafórica. *Cadernos de Linguística*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. e515, 2021. DOI: 10.25189/2675-4916.2021.v2.n4.id515. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/515>

SALOMÃO, Margarida. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.

SALOMÃO, Margarida. Razão, Realismo e Verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo de referência. *Caderno de Estudos Linguísticos*, vol. 44, 2003, p. 71-84.

SEARA, Isabel Roboredo; SANTOS, Leonor Santos Werneck dos. Linguagem e poder nas mídias brasileira e portuguesa. *DIACRITICA*, v. 33, p. 122-137, 2019.

SILVA, Augusto Soares da. A Sociolinguística Cognitiva: razões e objectos de uma nova área de investigação linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos* 13-1, 2009, pp. 191-212.

## APRESENTAÇÃO

TOMASELLO, Michael. *The cultural origins of human cognition*. Harvard University Press, 1999.

VAN DIJK, Teun. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012 [2008].

XAVIER, Felipe. *Jornadas referenciais: a construção de um objeto de discurso em editoriais da Folha de S. Paulo durante as manifestações de junho de 2013*. Campinas, 2018. 149f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – IEL-UNICAMP, 2018.

---

<sup>i</sup> Professor de Linguística da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FELCS-UFRN). Organizador do Dossiê Temático *Estudos textuais e (socio)cognitivistas sobre questões sociais contemporâneas* – Revista Saridh: linguagem e discurso, v.5, n.2 – 2023/FELCS/UFRN.

E-mail: rafahelparintins@gmail.com

Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/7676055251109350>

ORCID: <https://0000-0003-0128-3068>